

## Pesquisa inédita constata que letalidade por câncer de pâncreas no Brasil é sete vezes maior que nos EUA

O percentual de pacientes que continuam vivos após cinco anos do diagnóstico de câncer de pâncreas é sete vezes menor no Brasil em comparação aos Estados Unidos. Além disso, os pacientes são, em média, dez anos mais jovens que os americanos, por razões ainda desconhecidas, e 71% deles têm baixa escolaridade. Essas diferenças estão documentadas na tese de doutorado da médica Simone Guaraldi, que investigou 13 mil registros do tumor no Brasil, sendo 773 deles colhidos no Instituto. O estudo foi o primeiro a avaliar detalhadamente os dados clínicos epidemiológicos na população do país, baseando-se nos Registros Hospitalares de Câncer do INCA e da Fundação Oncocentro de São Paulo (FOSP), entre 2000 e 2014.

“Nós não tínhamos muitos dados sobre a ocorrência do câncer de pâncreas no Brasil, ou seja, não conhecíamos o perfil desses



A médica Simone Guaraldi investigou 13 mil registros do tumor no país

pacientes. E se trata de uma doença que determina rapidamente o óbito. Por isso, o objetivo principal era esclarecer o conjunto de características clínicas e epidemiológicas que configuram essa patologia na população, ou seja, ter informações sobre quais fatores no estilo de vida do paciente podem ter contribuído para o surgimento da doença”, explica a médica, cuja pesquisa foi feita no Programa de Carcinogênese Molecular do INCA.

Agressivo, o adenocarcinoma de pâncreas tem taxa de sobrevida de apenas 1,2% no Brasil, de acordo com a tese de Simone, defendida em abril deste ano. Nos Estados Unidos, o número é de 8,5%. A médica acredita que um dos fatores responsáveis por essa alta letalidade se deve ao diagnóstico tardio: quase dois terços dos pacientes chegam às unidades de saúde para o primeiro atendimento com a doença já em seu estágio mais avançado.

## Oficinas no ambulatório de sexualidade elevam autoestima das pacientes

A troca sensível de experiências entre mulheres conduz as oficinas no ambulatório de sexualidade do HC II. Desde maio, a atividade tem acolhido pacientes que já passaram ou ainda estão em tratamento contra tumores pélvicos. É um momento de conforto e autoestima, que se repete a cada terceira terça-feira do mês, das 14h às 16h. O projeto foi mostrado no programa *Globo Repórter*, da Rede Globo, exibido no dia 3 de agosto.

“Os efeitos do tratamento causam um impacto grande. Temos jovens em idade reprodutiva, que, infelizmente, entram em uma menopausa precoce. Elas experienciam os sintomas de forma brusca e, assim, a autoestima fica bastante comprometida. Essas oficinas formam um ambiente lúdico em que elas podem se comunicar, interagir, falar o que estão sentindo. É uma forma de trabalhar essas questões”, salienta Carmen Lucia de Paula, responsável pelo

ambulatório. Ela conta com a ajuda da enfermeira Maria Luíza Bernardo Vidal.

A oficina tem dois momentos. No primeiro, profissionais da equipe interdisciplinar do Serviço Social, Psicologia, Nutrição e Fisioterapia abordam algum tema de interesse das pacientes. Em julho, por exemplo, um debate sobre os direitos reprodutivos da mulher foi conduzido pelo Serviço Social. No segundo momento, a bailarina voluntária Aziza Abdulla promove um trabalho corporal. Carmen e Maria Luíza ressaltam que atividades desse tipo são muito importantes no processo.

Em funcionamento desde 2017, o ambulatório de sexualidade surgiu a partir de demanda das pacientes por um cuidado integral após o tratamento. As enfermeiras destacam a necessidade da criação deste espaço assistencial para atender questões subjetivas relacionadas ao enfrentamento da doença, tais como estima, vínculos e afetividade.



A enfermeira Carmen Lucia de Paula é a responsável pelo ambulatório, em funcionamento desde 2017

**+** NA INTRANET: Acesse a área do Informe INCA na Intranet e veja trecho do *Globo Repórter* em que o projeto é mostrado. O programa na íntegra está disponível em [www.globo.com/globoreporter](http://www.globo.com/globoreporter)